Horizontes Históricos.

PERTURBAÇÕES DA CARNE: UMA HISTÓRIA DAS EMOÇÕES NA PERSPECTIVA MEDIEVAL

DISTURBANCES OF THE FLESH: A HISTORY OF EMOTIONS FROM A MEDIEVAL PERSPECTIVE

Camilla Höehr dos Santos da Silveira[1]

Resumo: Este artigo propõe uma análise historiográfica e conceitual, em obras acadêmicas que discutem o surgimento, os paradigmas metodológicos e os desdobramentos epistemológicos do campo. Essa abordagem justifica-se pela intenção de mapear as categorias analíticas centrais da História das Emoções e discutir suas implicações para o estudo do medievo com foco em sua compreensão etimológica. O trabalho busca não apenas descrever o desenvolvimento do campo, mas também apontar os desafios metodológicos enfrentados pela História das Emoções, especialmente no que tange à relação entre linguagem, experiência e representação emocional nas fontes históricas no período medieval. Um período em que a alcunha de "emoção" sequer existia e que a aplicação da psicologia moderna é tão distante que se pode considerar inútil.

Palavras-chave: Medievo; História das Emoções; Metodologia.

Abstract: This article proposes a historiographical and conceptual analysis of academic works that discuss the emergence, methodological paradigms, and epistemological developments of the field. This approach is justified by the intention to map the central analytical categories of the History of Emotions and discuss their implications for the study of the medieval period, with a focus on etymological understanding. The work aims not only to describe the development of the field but also to point out methodological challenges faced by the History of Emotions, especially regarding the relationship between language, experience, and emotional representation in historical sources from the medieval period. A period in which the term "emotion" did not exist and the application of modern psychology is so distant it may be considered useless.

Keywords: Medieval period; History of Emotions; Methodology.

[1] Graduada em História Licenciatura pela Universidade Federal Santa Maria em 2024. Membro ativo do Virtù, grupo de pesquisa em História Medieval e renascentista e do Geumm@, Grupo de Estudos e Extensão Universidade das Mulheres. Lattes: https://lattes.cnpq.br/4418114696340371 Orcid: https://orcid.org/0009-0003-3268-7951e e-mail: camillahoehr@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Os historiadores sempre falaram de emoções, paradoxalmente, sem nunca falarem sobre elas. Segundo a historiadora americana Barbara Rosenwein (2006, p. 1), a história das emoções é um tópico muito antigo, porém quase totalmente inexplorado, uma vez que tem sido desfocado ou mal orientado. Além disso, são abordadas de maneira particularmente simplista, considerando que as emoções não são tão diferentes de uma época para outra, mas “ligadas” ou “desligadas”. Essas emoções históricas são especuladas rotineiramente pelos historiadores, e os amores, tristezas e alegrias de figuras históricas importantes são utilizados para colorir a narrativa e, assim, emocionar as pessoas no presente. À exemplo, vemos Tácito que, ao descrever a condição de Roma na morte de Nero, disse que os senadores estavam "alegres" (*laeti*); os plebeus, "animados pela esperança" *(in spem erecti*); e as classes mais baixas, "tristes" (*maesti*). O historiador inglês Thomas Dixon (2017, p. 2) vai chamar esse método narrativo de “história emocional”. Para ele, esse *modus* atingiu seu pico de intensidade nas obras de autores com inclinação romântica do século XIX e, especialmente, nos debates quanto aos sentimentos sobre a Revolução Francesa. Para o autor, este é um bom divisor de águas para compreender a separação entre história e sentimentos e a História das Emoções como disciplina.

A revolução para Thomas Carlyle, escritor escocês, “foi uma história de drama, paixões e derramamento de sangue” (DIXON, 2017, p. 2). Sua história, se assemelhando mais a um romance do que a uma crônica histórica, traz seus protagonistas como seres humanos encarnados e emocionais. Volta-se aos apetites e instintos humanos a fim de oferecer uma explicação mais profunda e filosófica dos eventos narrados. Seus leitores sentem a perturbação de seus personagens, o tremor em suas respirações, o coração batendo forte. Desde já, Carlyle tinha a percepção de que os historiadores encontram, em sua maioria, os sentimentos do passado na forma de palavras. A paixão em uma carta de amor, um tratado médico sobre as doenças da mente, as opiniões em um jornal ou uma letra de uma música. Isso exige a leitura cuidadosa e historicamente contextualizada dos sinais externos e internos, visiveis e invisiveis das palavras. Aqui, cabe lembrar o caráter de “coisa imaginada” e invisível que um sentimento tem e que, para Carlyle, “habita o coração dos homens”. Sendo assim, muito da análise caí no reino da especulação psicológica. Com escritores como Carlyle, para Dixon (2017, p. 4), fica óbvio a relação das emoções dos protagonistas históricos com as intenções políticas e nacionalistas pessoais dos autores. Obras que pretendiam provocar nos leitores sensações específicas que, olhando para o passado, podiam ver reflexos de seus próprios sentimentos. Seus sucessores na academia se esforçaram mais para se distanciar de suas ideologias pessoais, mantendo suas próprias emoções mais ocultas. Para Dixon (2017, p. 4), foi desse modo que, no século XX, essa “história colorida” passou a ter uma abordagem distinta e mais disciplinada do passado.

Em um artigo pioneiro de 1941, o historiador francês Lucien Febvre provocou seus colegas a explorar o entrelaçamento entre história e psicologia. Febvre propôs um novo campo de

investigação: a história da sensibilidade e da vida afetiva (*la sensibilité* e *la vie affective*), incentivando a produção de narrativas históricas sobre emoções como amor, alegria, medo, ódio e crueldade ao longo dos séculos (DIXON, 2017, p. 5). Para isso, sugeriu metodologias interdisciplinares, incluindo o estudo da linguagem e dos vocabulários emocionais, das artes visuais, da literatura, do teatro, do cinema e da análise de fontes jurídicas e morais. Ao incorporar as emoções ao escopo da investigação histórica, Febvre via a possibilidade de um novo começo para a disciplina (DIXON, 2017, p. 5). E, desse modo, falando mais do que de emoções, mas *sobre* emoções.

Sendo assim, a proposta desta pesquisa é uma análise historiográfica e conceitual, em obras acadêmicas que discutem o surgimento, os paradigmas metodológicos e os desdobramentos epistemológicos do campo. Essa abordagem justifica-se pela intenção de mapear as categorias analíticas centrais da História das Emoções e discutir suas implicações para o estudo do medievo com foco em sua compreensão etimológica.

Desse modo, nossa investigação aqui estrutura-se em quatro eixos principais: a) uma recuperação crítica das origens do campo, com destaque para a transição de uma “história emocional” para um princípio teórico científico do campo, que se encerra aqui b) uma discussão quanto a aplicabilidade da psicologia para a História das Emoções c) uma análise etimológica e semântica dos termos relacionados às emoções, com foco especial no vocabulário medieval, visando compreender as construções afetivas do período; e d) uma reflexão sobre os regimes e comunidades emocionais, para compreender o que são e considerar suas implicações na produção de normas e comportamentos afetivos. O trabalho busca não apenas descrever o desenvolvimento do campo, mas também apontar os desafios metodológicos enfrentados pela História das Emoções, especialmente no que tange à relação entre linguagem, experiência e representação emocional nas fontes históricas, em suma, no período medieval. Um período em que a alcunha de “emoção” sequer existia e que a aplicação da psicologia moderna é tão distante que se pode considerar inútil.

2. SOBRE EMOÇÕES

Como vimos, Lucien Febvre iniciou uma provocação quanto a aplicabilidade da psicologia para a História. Contudo, desde esse momento já alertava contra a aplicação direta de modelos psicológicos contemporâneos, em especial da psicanálise, para contextos históricos distintos. Daí sua metáfora da História em luta com as teorias psicológicas, criticando à adoção acrítica, como frequentemente ocorria na chamada “psico-história”. Para ele, a psicologia atual não poderia ter nenhuma aplicação possível ao passado, sendo o anacronismo psicológico o tipo “mais insidioso e prejudicial" (DIXON, 2017, p. 5). Febvre é considerado o primeiro historiador a perceber as emoções como entidades complexas que “só podiam ser criadas por meio de sistemas sociais, linguísticos e mentais específicos que prevaleciam em um determinado período” (DIXON, 2017, p. 6) e que, principalmente, mudavam com o tempo.

Atribuir colheitas fracassadas ou doenças ao desagrado divino ou à ação de feitiçarias, em vez de a causas naturais, como o clima ou a higiene, revela um modo de compreender o mundo muito distinto do contemporâneo. Emoções como medo e desejo não eram apenas vividas de forma diferente, mas interpretadas segundo concepções culturais específicas (DIXON, 2017, p. 7).

Seguindo o autor, (DIXON, 2017, p. 7), outro eixo de interesse para os historiadores da primeira metade do século XX foi a suposta transição das culturas humanas de estágios "primitivos" para formas mais "civilizadas". Lógica que os evolucionistas do século XIX herdam. Para autores como Charles Darwin, a contenção emocional era um dos critérios centrais de "civilização". Em *The Expression of the Emotions in Man and Animals* (1872), Darwin comparou o riso e o choro considerados "excessivos" de povos indígenas sul-americanos com a suposta moderação afetiva das nações europeias. Embora seja inegável que estilos de expressão emocional variam no tempo e no espaço e que a formação do Estado-nação alterou os modos de vivenciar e administrar a violência. Os historiadores, desde Lucien Febvre, criticam tais explicações simplificadoras e hierarquizantes (DIXON, 2017, p. 7). A crítica ao viés etnocêntrico e imperialista das narrativas modernistas sobre o "processo civilizatório" tem sido um dos pilares da consolidação do campo. Foi sobretudo a partir da década de 1980 que o embate entre história e psicologia em torno das emoções passou a constituir um novo e autônomo campo de pesquisa.

Um marco importante foi o artigo publicado em 1985 na *American Historical Review* por Peter N. Stearns e Carol Z. Stearns, intitulado *Emotionology: Clarifying the History of Emotions and Emotional Standards*. No ano seguinte, os autores deram continuidade à essa discussão com o livro *Anger: The Struggle for Emotional Control in America's History*. O conceito de *emotionology*, proposto por eles, refere-se aos sistemas normativos que definem quais emoções e formas de expressão são consideradas aceitáveis ou reprimidas em uma determinada cultura (DIXON, 2017, p. 8). Nas décadas seguintes, especialmente nos anos 1990 e 2000, os trabalhos do antropólogo e historiador William M. Reddy e da medievalista Barbara H. Rosenwein aprofundaram os fundamentos teóricos do campo.

Reddy investigou os chamados "emotivos". Diz respeito a atos de fala que expressam e moldam emoções. Sua teoria dialogava com a psicologia cognitiva, a antropologia e as fontes históricas (DIXON, 2017, p. 8). Mas aqui, dou destaque à Rosenwein que, em seu artigo de 2002, *Worrying about Emotions in History*, introduziu o conceito de "comunidades emocionais", defendendo que as normas e expressões afetivas variam entre diferentes grupos sociais dentro de uma mesma época (DIXON, 2017, p. 8). Essas comunidades, que poderiam ser famílias, classes, religiões ou nações, coexistiriam e frequentemente apresentariam visões conflitantes sobre as emoções e sua manifestação. Sendo assim, ficaria a necessidade de compreender as emoções baseadas em teóricos da emoção do próprio período. Porém, a autora alerta ainda, que deve-se estar atento para não tomar as definições ao pé da letra. É necessário concernir, também, que uma coisa são definições, outra é a forma que as pessoas realmente as utilizam.

Jean Starobinksi, historiador suiço, chegou a sugerir, na década de 1960, que a história das emoções "não pode ser outra coisa senão a história das palavras com as quais a emoção é expressa" (DIXON, 2017, p. 43). Contudo, o trabalho nesse campo demonstrou o potencial dos objetos físicos (lenços, jóias, lençóis, móveis, arquitetura, obras de arte visual, etc) como fontes de informações sobre emoções e suas formas de expressão. No entanto, estes objetos falam com mais clareza quando associados aos pensamentos, crenças e desejos das pessoas que os utilizavam, o que acaba nos levando de volta às fontes textuais e a necessidade de interpretar a linguagem (DIXON, 2017, p. 43).

Contudo, outro ponto que vale destacar é que o uso do termo "emoções" para se referir a alegria, amor, raiva, medo, culpa, tristeza, etc é bastante recente, a partir de cerca de 1800. Anteriormente, os termos utilizados com mais frequência - e com mais precisão - eram paixões, afeições e sentimentos (ROSENWEIN, 2006, p. 3). As palavras para emoções variavam em termos genéricos quase equivalentes ao termo "emoções", mas nunca exatamente o mesmo. Por esse motivo, o uso do termo "emoção" deve ser utilizado com plena consciência de que é uma conveniência: "um termo construído que se refere a reações afetivas de todos os tipos, intensidades e duração" (ROSENWEIN, 2006, p. 4).

3. ETIMOLOGIA

Tendo em mente a convenção da palavra "emoção", este tópico explora duas abordagens iniciais sobre a etimologia e o uso histórico do termo. A primeira, diz respeito à construção do termo "emoção". Uma trajetória que exprime, por si, a compreensão de sua época (medieval) sobre seu significado. Em seguida veremos as palavras que designam emoções, suas problemáticas e seus sentidos históricos.

3.1. SEM "EMOÇÃO"

Durante o período medieval, o termo "emoção" ainda não havia sido cunhado nos moldes em que o compreendemos atualmente. Em sua origem, o verbo francês *esmaier*, cuja etimologia remete a um estado de "perda de consciência", foi incorporado ao campo semântico de *esmouvoir* (mover) (THOMASSET; VIGARELLO, 2020, p. 194). "É o substantivo "*esmai*", tornado "*esmoi*", depois em nosso moderno "*émoi*" [emoção], que vinculamos evidentemente ao verbo "*mouvoir*" [mover], que foi o motor desta alteração" (ROSENWEIN, 2020, p. 194). O termo sugere uma relação primordialmente física, anterior à abstração metafísica. Essa associação inicial remete a agitações corporais concretas, em vez de afetos interiorizados ou estados emocionais subjetivos. No entanto, como ressalta Claude Thomasset e Georges Vigarello (2020, p. 195), é fundamental evitar equívocos: a ausência terminológica de "emoção" no vocabulário medieval não implica a inexistência dos afetos no período. Ao contrário, a etimologia revela o desenvolvimento gradual e

complexo das formas de pensar, nomear e conceituar os estados afetivos, cada qual dentro de seus contextos.

Nesse momento, o uso desses termos denota fenômenos fisiológicos e perturbações físicas, sua ancoragem é material (THOMASSET; VIGARELLO, 2020, p. 195). Por exemplo, a narrativa da agonia de São Luís, Rei da França (1214-1270), em 1270, menciona que "ele estava *esmu* e não podia falar". A expressão aqui que denota agitação corporal que impede a fala. Da mesma forma, fala-se do *esmouvement* como movimento desordenado da carne, isto é, perturbação orgânica ligada à dor. Bartolomeu, o Inglês, no século XIII, descreve o comportamento dos humores corporais conforme as fases lunares: "os humores e as doenças do corpo *s'esmeuvent* (se movimentam)" (*l'ANGLAIS, 1556 apud:* THOMASSET; VIGARELLO, 2020, p. 196). Há, ainda, uma vertente psicológica, em que esse movimento seria desencadeado de modo voluntário, sendo entendido como uma ação que você pode ou não provocar (THOMASSET; VIGARELLO, 2020, p. 196). O foco desses discursos não está na interioridade afetiva, mas na manifestação do gesto, da ação e de seus efeitos visíveis, enfatizando uma ideia de agitações que ligam biologia e patologia (THOMASSET; VIGARELLO, 2020, p. 196). O *Romance da Rosa* (século XIII) expressa esse entendimento ao afirmar, se referindo à parcerias duráveis e maduras, que "a razão não *s'esmoura* (se moverá) jamais por coisas que vão contra vós" (MEUN, 1996 *apud* THOMASSET; VIGARELLO, 2020, p. 197). Ou seja, ela não se moverá, não se deixará alterar. Aqui, o termo ainda designa ação racional e deliberada, não resposta emocional.

Nessa lógica, o comportamento interior não é diretamente explorado ou tematizado; ele é representado através da ação visível, ou seja, por seu "exterior". As desordens internas são figuradas por imagens materiais (agitação, ebulição, mistura de coisas e pessoas) que descrevem o afeto de forma oblíqua, por meio de seu reflexo no corpo e na conduta. (THOMASSET; VIGARELLO, 2020, p. 197).

A partir do século XIII, uma formulação específica passa a indicar de maneira mais precisa a articulação entre movimento corporal e experiência afetiva: trata-se da expressão "*esmouvement du cœur*" (movimento do coração), ou da ação de "*esmouvoir le cœur*" (comover o coração) (THOMASSET; VIGARELLO, 2020, p. 197-8). Nessa construção, a dinâmica física adquire espessura emocional, e o sentido torna-se mais elaborado. Estabelece-se, assim, uma transição mais nítida do plano fisiológico ao plano moral: o coração emerge como ditador da sensibilidade e da surpresa (THOMASSET; VIGARELLO, 2020, p. 198). Em um exemplo elucidativo, Villehardouin explica os efeitos da promessa papal, de 1197, de garantir aos futuros cruzados o perdão dos pecados: "Se o perdão foi aqui tão grande, e se muitos foram perdoados, é porque as *esmouvents* do coração de quem perdoou eram enormes" (VILLEHARDOUIN, 1961 *apud* THOMASSET; VIGARELLO, 2020, p. 198). O ato de perdoar, aqui, está ligado à uma comoção interna intensa, no coração. Esse sentido emocional se consolida ao longo do século XIV. Um relato hagiográfico sobre São Teodoro atesta: "O coração está tão *ésmeu* [enlevado] que meus olhos estão cheios de

lágrimas" (*Miracle de Theodore,* [1876-1897] 2021 *apud* THOMASSET; VIGARELLO, 2020, p. 198). Aqui, o coração, um órgão de carne, torna-se mediador de um efeito mais íntimo. O coração agia, se movia.

O vocabulário ligado à *esmouvoir* se expande para além do domínio do coração e passa a referir também os prazeres corporais em sentido mais amplo. No *Le Mesnagier de Paris*, obra do século XIV, o surgimento da luxúria é descrito como derivado do prazer excessivo na alimentação, aos acúmulos e excessos. Como o trecho a seguir elabora:

> Depois vem o pecado da luxúria que nasce da glutonaria, pois quando a pessoa malvada come e bebe mais do que deve, os membros que são vizinhos e próximos ao ventre são *esmeus* [excitados, incitados] por este pecado, e depois disso brotam os pensamentos desordenados e as cogitações más...? (*Le mesnagier de Paris (XIVe siècle),* 1994 *apud* THOMASSET; VIGARELLO, 2020, p. 199)

A carne, segundo os autores, começa a manifestar uma espécie de agência própria: "com o tempo, a carne *esmeut* o deleite" (*Le mesnagier de Paris (XIVe siècle)*, 1994 *apud* THOMASSET; VIGARELLO, 2020, p. 199). Assim, a referência física segue como chave fundamental para a evocação das desordens internas, cuja profundidade moral se ancora em sensações corporais.

Um uso mais consciente e tardio do verbo *esmouvoir* (mover) revela-se particularmente significativo. Nesse estágio de desenvolvimento semântico, a atenção se desloca: o foco passa a recair não mais sobre o órgão físico, mas sobre a experiência afetiva do próprio indivíduo (THOMASSET; VIGARELLO, 2020, p. 199). Embora a referência ao movimento orgânico não desapareça completamente, ela cede espaço a uma compreensão mais subjetiva da emoção, voltada para a intimidade. Essa persistência da dimensão fisiológica é ainda evidente no século XIV, como demonstra um trecho de *Le Miracle de Saint Lorens* (c. 1380), no qual um personagem relata: "Fiquei tão transtornado em meu coração que não consigo expressar o quanto fui *esmeu* [incitado]" ([1876-1897] 2021 *apud* THOMASSET; VIGARELLO, 2020, p. 200). Neste contexto, o coração continua a funcionar como mediador simbólico entre o corpo e o estado emocional. Thomasset e Vigarello (2020, p. 200) consideram como uma etapa intermediária na transição do registro físico para o psicológico.

No século XV, entretanto, o sentido de *esmouvoir* se populariza e, por conseguinte, se torna mais abstrato (THOMASSET; VIGARELLO, 2020, p. 200). O impacto da beleza, por exemplo, passa a ser descrito a partir da reação subjetiva daquele que observa, independentemente de qualquer referência explícita a órgãos corporais. As *Cent Nouvelles Nouvelles* ilustram esse deslocamento ao afirmar que "estar" *ésmeu* pode significar perder temporariamente o controle dos sentidos: "Ela ia e vinha, ora aqui, ora acolá, tão *émue* [agitada] que parecia ter sido arrebatada de seu sentido" (JACOB, 1841 *apud* THOMASSET; VIGARELLO, 2020, p. 200). O termo *estre esmu* transforma-se, assim, na designação de um estado psicológico que diz respeito diretamente à pessoa e sua intimidade emocional.

Entre os séculos XII e XV, portanto, observa-se uma reconfiguração do regime discursivo dos afetos. O "sentido", enquanto experiência íntima, conquista um espaço central. A referência ao orgânico não desaparece, segue, mas metafórica. O estado de *estre esmu* passa a expressar, sobretudo, a condição interna do sujeito afetado (THOMASSET; VIGARELLO, 2020, p. 200-1). E, aqui, como ressalta Dixon (2017, p. 47), quando se passa a nomear esses "pensamentos" e "sensações", é colocado uma imagem específica nas mentes, corpos e realidades dos indivíduos, para que assim, todos (naquele contexto) sejam capazes de compreendê-las como uma "emoção".

3.2. EMOÇÕES: TERRÍVEIS E INEVITÁVEIS

Para Rosenwein (2011, p. 25), há dois problemas iniciais ao lidar com palavras que designam emoções. O primeiro diz respeito à definição da emoção; o segundo, trata de saber se a palavra era, naquele momento, considerada uma emoção. E, por conseguinte, a suposta equivalência de uma grande variedade de termos.

Podemos incluir o termo estudado por Starobinksi, "nostalgia". Inicialmente o termo não definia um sentimento emocional gentil, mas um termo médico para um tipo de doença de casa mortal, física e mental. Quando Susan Matt pesquisa "nostalgia" durante a Guerra Civil Americana (1961-5), ela encontra milhares de casos da doença documentados em registros médicos. Foi só no século XX que a "nostalgia" passou a significar uma saudade sentimental do passado (DIXON, 2017, p. 47). E aqui, cabe colocar uma definição:

> Para os psicólogos, a emoção prototípica é um episódio relativamente breve no corpo e na mente de um único indivíduo - como a explosão de raiva ou uma explosão de alegria - com um estado físico característico de um tipo que pode ser estudado e medido em um laboratório. (DIXON, 2017, p. 105).

Com a vinculação do estudo das emoções históricas ao campo da psicologia, vemos justificativas como esta. Essa definição é um dos motivos por que sentimentos como o amor também foram postos em questão. Segundo Martin Luther King havia três termos gregos que distinguiam diferentes tipos de amor: *eros*, *philia* e *ágape*. *Eros* seria o amor pela beleza discutido por Platão, um anseio da alma que, para a cultura moderna, foi traduzido para a atração do amor romântico. *Philia*, por sua vez, seria o amor entre amigos que compartilham experiências cotidianas, podendo ser colegas de mesa, de quarto ou de conversa, etc. Já *ágape* designa um amor altruísta e incondicional: amar a todo ser humano porque Deus o ama, ainda que seja "a pior pessoa que você já viu" (DIXON, 2017, p. 105).

Essa tipologia suscita uma questão central que a psicologia colocou na história das emoções: o amor é realmente uma emoção? *Ágape*, mais que um sentimento, configura-se como atitude duradoura, um compromisso ético de compreensão e benevolência. Em contraste, amor familiar ou romântico possui caráter afetivo, mas sua duração e dependência de outra pessoa desafiam as definições psicológicas clássicas de emoção. Que são, como vimos, geralmente breves, individuais e mensuráveis em laboratório (DIXON, 2017, p. 105-6). Paul Ekman, por

exemplo, questionou em 1984 a vocação do amor como emoção ao exigir uma expressão facial universal. Embora tenha amenizado essa posição depois, manteve que o amor é uma construção social complexa, não uma emoção básica. Ao amor falta uma fisiologia distinta e uma expressão facilmente distinguível. Segue um roteiro social, estando vinculado a ideologias religiosas e éticas, se apresentando de infinitas formas, sendo muito subjetivo em suas manifestações (DIXON, 2017, p. 125). Seja como impulso biológico, prática social ou ética de cuidado, o amor permanece no cerne da história das emoções (DIXON, 2017, p. 107). Contudo, aqui destaco: todas essas réguas psicológicas que se utilizam para medir o que era o amor não são todas contemporâneas? A exigência de uma expressão física universal importava em todas as épocas? Uma emoção ser breve ou duradoura é realmente relevante? Essa conceituação de emoção prototípica é *típica* em todas as temporalidades em todas as regiões do mundo? Para Dixon (2017, p. 47), exemplos como a nostalgia ou o amor deixam explícito o caráter específico das emoções. E é essa especificidade que abre a necessidade da metodologia das comunidades emocionais, a fim de compreender o que o termo significa e como se manifestava em suas particularidades regionais, linguísticas, temporais, estratos sociais, etc. E aqui, cabe estabelecer: categorizar as emoções é um ato linguístico por si só, que moldou as experiências de sentimentos ao longo do tempo.

Embora os gestos e palavras que hoje expressam emoções, como medo ou ódio, possuam paralelos na Antiguidade greco-romana, o modo como as emoções eram compreendidas naquele contexto revela distinções fundamentais. Já na Antiguidade, estavam presentes duas concepções estruturais: as emoções como impulsos descontrolados a serem refreados ou como avaliações racionais (ROSENWEIN, 2006, p. 32).

Aristóteles atribuía às emoções uma função útil à vida ética; Para ele, os *pathé* são respostas racionais baseadas em juízos e crenças sobre situações reais, lembradas ou imaginadas. Uma visão próxima à psicologia cognitiva (ROSENWEIN, 2006, p. 35). Os estoicos, ao contrário, viam-nas como perturbações da razão, devendo ser eliminadas. Parte do pensamento cristão assimilou essa visão, vinculando as emoções à doutrina dos vícios (ROSENWEIN, 2006, p. 32).

Platão nota, por exemplo, que o público sente prazer ao chorar diante de tragédias, sugerindo uma relação entre gestos corporais e estados emocionais (ROSENWEIN, 2006, p. 34). No *Timeu*, Platão radicaliza sua crítica, inserindo as emoções no mito da criação. Pathēmata — “emoções terríveis e inevitáveis” — são atribuídas aos deuses menores e vinculadas aos vícios. Prazer é descrito como sedução do mal; dor, aliada do bem. A alma é bipartida: a parte racional, imortal, está na cabeça; a parte irascível, sede da coragem (*andreia*) e da raiva (*thymós*), no coração (ROSENWEIN, 2006, p. 34-35). Essa estrutura, inspirada na medicina hipocrática, confere papel regulador ao corpo. A raiva auxilia a razão, enquanto o fígado, sede dos desejos inferiores, é manipulado pela razão para induzir sensações físicas, como náusea e medo, e conter excessos (ROSENWEIN, 2006, p. 35).

Quando chegamos no medievo e o triunfo do cristianismo, percebemos que o que muda não são as palavras usadas para as emoções, mas seus significados (ROSENWEIN, 2006, p. 41). A autora resume:

> Os valores e objetivos cristãos derrubaram antigas normas: atos ousados tornaram-se práticas de ascetas, não de heróis marciais; a elite moral tornou-se os "convertidos", não os bem-educados; a virtude passou a ser uma questão de humildade, não de virilidade. Ou melhor, os ascetas se tornaram os "atletas de Deus"; os convertidos conheciam a única verdade; e a virilidade foi redefinida em termos cristãos. (ROSENWEIN, 2006, p. 41).[2]

E, aqui, muitos são os motivos para essas mudanças nas orientações emocionais. (DUMÉZIL, 2020, p. 142). Temos uma afirmação mais clara do catolicismo nos séculos V e VI, onde vemos “a esperança inédita na salvação, a imagem de um Cristo compassivo, uma visão diferente da morte, a construção do além” (DUMÉZIL, 2020, p. 142). Para o historiador Bruno Dumézil (2020, p. 142-3), representou um enriquecimento da esfera emocional a partir de algo que pode ser compreendido como um aprofundamento da consciência cristã. Vemos o amor como um valor reconhecido e validado na palavra de Santo Agostinho (século V) e a referência emocional como base dos parâmetros de vício e virtude do cristão (DUMÉZIL, 2020, p. 143). Mas essa percepção generalizada do cristão medieval é insuficiente.

Sendo assim, é necessário ter muito cuidado no que diz respeito à definição das emoções. Como vimos, a emoção pode ser apenas parte da vida, manifestações externas da fisiologia humana ou pode ser má, uma condenação divina, sendo necessário regulá-las e manipulá-las. Ademais, como vimos, dar nomes às emoções é um ato linguístico por si só, portanto, cultural. Não há como saber se uma palavra era, naquele momento, considerada uma emoção sem compreender o termo em seu contexto. E, por conseguinte, apesar de haver uma mesma acunha, suas definições variam, tendo de se ter cuidado com a equivalência de termos. Essa distinção se dá através da compreensão específica da época quanto àquele termo, tornando a psicologia moderna, que diz respeito a classificação de emoções atuais, anacrônica. Sendo assim, como já vimos e Rosenwein (2020, p. 166) ressalta, da mesma forma que os historiadores dos últimos tempos se atentaram à diversidade da economia e da cultura no medievo, começam, enfim, a perceber a pluralidade emocional.

4. COMUNIDADES EMOCIONAIS

Um grupo dirigente constitui um “regime emocional” que tem por objetivo impor normas e padrões emocionais a todos os membros de uma sociedade. Quando essa norma se torna pesada demais, vemos a criação de um “refúgio emocional” (ROSENWEIN, 2020, p. 165). Esse paradigma,

[2] Traduções nossas.

hipótese de William Reddy (2001)[3], para Rosenwein (2020, p. 165) ainda é insuficiente. Negligencia a grande variedade de espaços emocionais que os indivíduos formam e vivenciam em seu contexto. Para ela, uma maneira mais pertinente de conceituar essa variedade seria com a noção de "comunidades emocionais". Algo que existiria em todas as épocas e sociedades em formas múltiplas e simultâneas, cada uma com suas próprias normas e modos de expressão.

Para Rosenwein (2020, p. 165), a multiplicidade de comunidades emocionais no medievo deve ser interpretada de duas posturas contrastantes em relação às emoções. De um lado, a tradição estoica, transmitida ao Ocidente latino por meio de obras como as *Tusculanae Disputationes* de Cícero (século I a.C.), sustentava a necessidade de repressão das paixões. Essa concepção foi assimilada por figuras ascéticas como os Padres do Deserto, cuja vida de renúncia e disciplina reforçava a visão das emoções como perturbações da alma a serem evitadas. Nos escritos de João Cassiano (435), um discípulo de Evágrio e fundador de um dos primeiros mosteiros do Ocidente, os maus pensamentos já eram considerados pecado (ROSENWEIN, 2020, p. 167).

Por outro lado, apenas algumas passagens de *A Cidade de Deus*, de Santo Agostinho (430) bastaram para inverter radicalmente o papel negativo das emoções na vida espiritual (ROSENWEIN, 2020, p. 167). O Papa Gregório Magno (590-604) combinava a visão ascética com a visão positiva de Agostinho das emoções. A partir da reflexão dos Padres do Deserto sobre os "maus pensamentos" e os "vícios", elaborou a doutrina dos sete pecados capitais, concebendo-os como ramificações do orgulho (*superbia*). Eram a vanglória (*inanis gloria*), a inveja (*invidia*), a ira (*ira*), a tristeza (*tristitia*), a avareza (*avaritia*), a gula (*ventris ingluvies*) e a luxúria (*luxuria*). São representados como desvios morais que exigem controle e correção pastoral. Para Gregório, as emoções, mesmo aquelas consideradas "boas", como a compaixão do pastor, necessitavam de mediação antes de serem legitimamente direcionadas a Deus. A consolação do próximo era concebida como um processo gradual, cujo primeiro passo era a empatia, exigindo do pastor uma disposição interior de suavização (*congruens*) para se tornar receptivo à dor alheia e assim atraí-la (*trahere*) para o consolo. Todavia, Gregório também apreciava o poder das emoções. A tristeza (*tristitia*), por exemplo, ora pecado mortal, também podia ser uma virtude: os indivíduos "purificavam o caráter pervertido (*lasciviam*) de seus prazeres (*voluptatis suae)* graças a tristes lamentações (*tristitiae lamentis*)" (*Grégoire Le Grand*, 1985 *apud* Rosenwein, 2020, p. 169).

Contudo, essa abordagem pastoral baseada na contenção contrasta com outras experiências mais afirmativas das emoções no mundo monástico (ROSENWEIN, 2020, p. 179). É o caso de Baudonívia, monja da abadia de Sainte-Croix, que escreveu uma biografia de Radegunda. Para Baudonívia, o verdadeiro esposo de Radegunda era o Cristo celeste, a quem ela se entregava

[3] REDDY, W. M. *The Navigation of Feeling:* A Framework for the History of Emotions. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

com plena devoção: “Ela entregava-se a seu esposo celeste com um amor tão completo que, ao beijar a Deus com seu coração puro, podia sentir Cristo vivendo em seu seio” (Baudonívia, 1984 *apud* Rosenwein, 2020, p. 179). Além disso, Radegunda é descrita como uma figura maternal, profundamente afetiva, que se dirigia às outras monjas com ternura e amor incondicional, como mostra: “Eu vos escolhi, minhas filhas; vós sois minha luz, minha vida, meu descanso e minha felicidade completa (*felicitas*)” (Baudonivie, 1984 *apud* Rosenwein, 2020, p. 179). Também Venâncio Fortunato (605), autor que Beudonívia pretendia complementar, partilhava de um discurso afeito à expressão do afeto, evidenciando prazer em manifestar seu amor e em descrever com sensibilidade os vínculos afetivos, como o das mães amorosas ou os lamentos diante das rupturas desses vínculos.

Ao contrário de Gregório, Baudonívia não pensava que as emoções só devessem ser “usadas” com muita preocupação, não acreditava que elas pertenciam aos homens de Igreja, que supostamente sabiam como manuseá-las, transformá-las e abrandá-las do modo devido (ROSENWEIN, 2020, p. 179). Todavia, embora Gregório defendesse a serenidade interior como ideal espiritual, não negava a experiência das emoções, nem deixava de escrever sobre elas em sua produção pastoral. Para ele, o pastor era chamado a partilhar o sofrimento de seu rebanho, assumindo simbolicamente o peso de suas aflições, a fim de conduzi-lo à esperança das alegrias celestes. Gregório valorizava as conversões que se manifestavam também no plano emocional, concebendo-as como concomitantes às transformações espirituais e morais. A comunidade emocional delineada por sua obra era, portanto, constituída por indivíduos investidos de responsabilidades e objetivos claros (ROSENWEIN, 2020, p. 185).

Das configurações emocionais do Ocidente, podemos apresentar, por fim, mas não menos importante, a contribuição de Alcuíno de York (c. 735–804), conselheiro de Carlos Magno e autor do *Livro das Virtudes e dos Vícios*, redigido entre 801 e 804. Embora destinado a um dirigente laico, Guido de Nantes, Conde das Marcas da Bretanha, o tratado pode ser lido como uma espécie de cartografia das emoções, dentro do vocabulário disponível ao autor (ROSENWEIN, 2020, p. 186-7). Alcuíno dialoga com três grandes tradições intelectuais: o pensamento ciceroniano acerca das emoções (*perturbationes animi*, *commotiones animi*, *affectiones animi*), o discurso cristão sobre virtudes e vícios, e as concepções bíblicas sobre a motivação humana. A palavra *animus*, frequentemente traduzida como "espírito", "alma" ou "coração", é concebida como sede tanto das paixões quanto das virtudes. Contudo, o *animus* não era o único locus das emoções (ROSENWEIN, 2020, p. 186). Também o coração, a alma (*anima*), o espírito (*mens*) e até mesmo o corpo (*corpus*) são descritos por Alcuíno como receptáculos possíveis dos afetos humanos, sejam eles positivos ou negativos. Aqui, diferente do que vimos anteriormente, temos uma extrapolação do sentido material e abstrato, da perturbação da carne e dos sentimentos íntimos. Em Alcuíno a emoção é pode ser manifestada por distintas dimensões com diferentes fins e simbologias. Dessa forma, seu tratado pode ser compreendido como uma proposta de regulação emocional, voltada à formação

moral de um governante, mas também aplicável à prática devocional e à vida cotidiana daquele contexto (ROSENWEIN, 2020, p. 187). Assim como Gregório propunha a imersão empática do pastor nas emoções alheias, Alcuíno tentou apresentar à Guy de Nantes um modelo normativo de autogoverno afetivo, um manual para gerir suas emoções. Ambos compartilham, portanto, a premissa de que a vida emocional deve ser objeto de disciplina ética e, simultaneamente, reconhecida como parte constituinte da experiência cristã (ROSENWEIN, 2020, p. 188). Nesse horizonte, emerge, de certa forma, algo que Rosenwein (2020, p. 189) vai chamar de "terapia das emoções".

De Santo Agostinho à Alcuíno, o que vemos são diferentes formas de sentir o mundo ao seu redor e interpretar o que é sentido. Com o conceito de "comunidades emocionais" formulado por Rosenwein, torna-se possível adotar uma abordagem plural, contextualizada e dinâmica para a análise das emoções no medievo. Tal perspectiva permite superar leituras homogêneas ou excessivamente normativas acerca da experiência afetiva nesse período, reconhecendo a coexistência de discursos, práticas e sensibilidades diversas. Interpretações que são, muitas vezes, conflitantes ou em diálogo, mas sempre ancoradas em contextos históricos específicos.

No entanto, é preciso destacar que as reflexões aqui desenvolvidas permanecem no âmbito geral e normativo das representações emocionais. A presente análise concentrou-se nos modelos prescritos por diferentes grupos sociais,isto é, nas formas como as emoções eram concebidas, reguladas e idealmente manifestadas segundo os parâmetros culturais de cada comunidade. Não se pretendeu, neste momento, investigar de maneira empírica como essas emoções foram efetivamente vividas, experimentadas ou expressas pelos indivíduos concretos. Essa distinção metodológica evidencia uma lacuna a ser preenchida em futuras pesquisas: a aplicação rigorosa do conceito de Rosenwein demanda estudos de caso específicos, capazes de captar a articulação entre norma e prática, prescrição e vivência, discurso e experiência emocional efetiva.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise demonstra que a História das Emoções, enquanto campo de pesquisa, não se limita à simples citação de afetos pretéritos para “colorir” a narrativa histórica. Desde seu início, o campo dialogou com disciplinas como psicologia, antropologia e linguística, o que contribuiu para a construção de um corpo teórico-metodológico apto a historicizar as emoções em suas múltiplas dimensões: discursivas, performativas e institucionais. A partir de Lucien Febvre, a crítica ao anacronismo psicológico foi crucial para estabelecer parâmetros de investigação, chamando atenção às especificidades dos sistemas sociais, linguísticos e mentais de cada época.

Diante do exposto, torna-se fundamental cautela ao definir o que se entende por emoções em contextos históricos diversos. Como demonstrado, elas podem ser concebidas como manifestações fisiológicas, construções sociais ou fenômenos morais, passíveis de regulação. A análise etimológica revela que a história das emoções é inseparável da história das palavras, como

indicou Starobinski (*apud* DIXON, 2017, p. 43). No entanto, deve-se evitar reduzir essa história à dimensão linguística, reconhecendo também gestos, objetos e práticas corporais como fontes legítimas das expressões afetivas do passado. Mesmo quando há aparente equivalência, é imprescindível examinar seu uso no contexto original. O estudo etimológico desses vocábulos explicita seu caráter particular e justifica, assim, a adoção da metodologia das comunidades emocionais.

Com o conceito de Rosenwein é possível ter uma compreensão plural, contextualizada e dinâmica das emoções no medievo. Ela supera leituras homogêneas ou excessivamente normativas sobre a experiência afetiva medieval, reconhecendo a coexistência de discursos, práticas e sensibilidades diversas, muitas vezes em tensão ou em diálogo, mas sempre historicamente situadas. Contudo, como já dito, essas percepções seguem sendo gerais. Para uma aplicação genuína do conceito de Rosenwein de comunidades emocionais é necessário analisar ainda mais minuciosamente.

O que foi realizado aqui diz respeito aos campos normativos das emoções medievais, ou seja, a forma que diferentes grupos compreendiam as emoções e como achavam que deviam ser manifestadas/usadas. Não diz respeito a como eram utilizadas de fato. O desafio posto, enfim, é o de construir uma historiografia das emoções que não apenas descreva as formas de sentir do passado, mas que as problematize em seu contexto social, cultural e político. Assim, reconhecendo, como bem apontou Rosenwein, que a pluralidade emocional é tão histórica quanto os sujeitos que a viveram.

Todavia, neste fim, podemos concluir que o futuro da História das Emoções reside justamente nessa sua capacidade de articular diferentes níveis de análise, do micro ao macro, do textual ao material, do fisiológico ao simbólico.

6. REFERÊNCIAS

DIXON, Thomas. From passions to emojis. In: **The History of Emotions:** A Very Short Introduction. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 41-61.

DIXON, Thomas. Looking for love. In: **The History of Emotions:** A Very Short Introduction. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 104-126.

DIXON, Thomas. The pulse of the past. In: **The History of Emotions:** A Very Short Introduction. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 1-20.

DUMÉZIL, Bruno. Os bárbaros. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Orgs.). H**istória das emoções:** 1. Da Antiguidade às Luzes. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. p. 146-167.

ROSENWEIN, Barbara. A Alta Idade Média. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Orgs.). **História das emoções:** 1. Da Antiguidade às Luzes. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. p. 165-193.

ROSENWEIN, Barbara H. **História das emoções:** problemas e métodos. Tradução de Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

ROSENWEIN, Barbara H. Introduction. In: **Emotional Communities in the Early Middle Ages.** New York: Cornell University Press, 2006.

ROSENWEIN, Barbara H. The Ancient Legacy. In: **Emotional Communities in the Early Middle Ages.** New York: Cornell University Press, 2006.

THOMASSET, Claude; VIGARELLO, Georges. “Esmouvir”, “Esmouvement”: arqueologia medieval do termo “emoção”. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Orgs.). **História das emoções:** 1. Da Antiguidade às Luzes. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. p. 194-203.